

---

# SUMIDOURO

**Francisco Lopes\***

**A** facilidade com que se aproximou dela o assustou um pouco: não se supunha assim tão desvolto e ela havia sido, nesses meses todos, uma coisa que seus receios tornavam imensamente difícil. Disse um “oi” e apoiou-se na mesa, avançando os cotovelos, sentindo-se destemido. Ela apenas sorriu.

Ele tinha que inventar uma conversa imediatamente, ela contava com isso – ah, essas palavras iniciais! Não disse nada, ela tampouco. Mas, estava claro: “te observo faz tempo, queria muito poder conversar”; “sei que você me observa, pode ir falando, estou achando engraçado”.

Então, o sujeito – que lhe pareceu o mais terrível dos intrójetos, detestável como a lembrança de que não estava sozinho com a mulher no mundo todo e de que o restaurante não tinha sido esvaziado por força de seu desejo e de sua audácia – entrou, e foi se dirigindo a ela naturalmente. Tinha um rosto, um lugar, uma história, era suficientemente conhecido para chegar a ela daquele jeito – não o ofendia, pois ele, afinal, mal existia; apenas, rotineiro, retomava o que era seguramente seu.

Quem era? Ela sorria, um pouco pasma. E se embaraçou, precisando lhe explicar alguma coisa, apresentá-los, que fazer? Esperou que ele entendesse, sem palavra.

Entendeu. E se afastou.

---

O problema, que ele carregava cabisbaixo, as mãos nos bolsos, começava pelos sapatos. Olhava-os, como se aquelas coisas de um preto agora um pouco esbranquiçado (nunca se lembrava de engraxá-los), com partes rachadas,

---

\* Jornalista, crítico de cinema e escritor. E-mail: franlopes54@terra.com.br.

cordões que tinham arrebetado e mesmo curtos e desiguais, ele mantivera, o acusassem: pensa, então, que uma mulher não olha para os pés de um pretendente? – além disso, cara, olha as coisas que você pensa, as palavras que te ocorrem: essa, “pretendente”, é das mais anacrônicas; não tem dúvida que você está fora de moda, você já não entende o que acontece neste mundo, você não tem a menor chance com uma mulher mais jovem; elas querem outra coisa, hoje em dia. “Bom, bom”, respondia, concordando, mas disposto a discutir, fosse aquela voz algo mais que a sua própria – “...não acho que estou tão estragado assim...”. Mas, quando reagia a essas críticas bem fundamentadas, a convicção era tênue. Brigaria com essa voz? Dar socos no ar? Ainda não tinha perdido o juízo.

Havia, no quartinho, perto do canto do fogão a gás e de uma prateleira de tábua com duas panelas e uma frigideira, um espelho dos menores, desses de 1,99, e ele podia se olhar, se avaliar: o rosto não registrava com fidelidade os quarenta e oito anos que o RG (onde, fotografado aos dezessete, era um anjo assustado) lhe dava, implacável.

Não queria olhar o resto do corpo, nunca gostava do que via, nunca se aprovava, a fugacidade de seu aspecto inteiro nos espelhos de vitrines era percebida de esguelha e repelida – um sujeito baixo, informe, meio flácido, aceitável apenas por esse rosto; fotografias, só de busto. Tampouco gostava do nome de batismo, e se apresentava onde era menos conhecido como Heitor, porque este era o nome de um chefe que tivera na companhia de entrega de gás onde trabalhara por uns dois anos – de camisa branca de manga comprida e gravata preta, era muito elegante, eficiente e lacônico, como lhe parecia que todo homem realmente digno desta definição deveria ser.

Mas, para ser Heitor, tinha que calar esse, esse que era, real, inevitável, que havia um ano não comprava sapato novo, que morava num bairro muito distante do centro, nos fundos da casa de um velho cujas tosses e escarros de vez em quando ele ouvia, misturados a uns chiados e à voz de Orlando Silva confessando: *“Debaixo daquela jaqueira/ que fica lá no alto, majestosa... Foi lá que o nosso amor nasceu...”*.

Via o velho de perto, convencendo-se de que não era um fantasma feito de tosse, escarro e Orlando Silva, quando tinha que lhe entregar o dinheiro do aluguel e ele lhe perguntava sempre de um parente que o recomendara para morar ali, um tio agora enterrado em um cemitério do interior. Pela existência desse tio, merecera a confiança do homem, ganhara uma existência – ele também vivera lá, quisera retornar e não pudera. Sempre o chamava pelo sobrenome, porque isso lhe trazia boas lembranças do seu tio e da cidade natal, e o chamava com uma solenidade antiquada, como se aqueles Pereiras tivessem sido mais que uma fábrica de pobres-diabos dispersos pelo mundo.

Chamava-se Ubiratan, o velho. Evidente que estava muito doente, que não duraria muito. Às expectorações nojentas, por vezes, juntavam-se uns gemidos furtivos, uns “ais” que lhe chegavam ali, que o impressionavam porque pareciam algo indesejado, letal, que tivesse retornado do estômago à garganta, ameaçando sufocá-lo. Via-o na rua, amarelado, mas sempre cerimonioso, e usando chapéu, o que era insólito para a rua e fazia uns tipinhos de camisas soltas e calças muito largas, em geral negros, bonés virados e piercings nas caras hostis, dar risadas à sua passagem. Mas, era em geral “seu” Bira, tratado com respeito pelos moradores mais antigos. Sozinho, havia notícia de que uma filha, com um marido antipático, de ano em ano lhe aparecia.

Agora, enquanto se fazia café tirado do pó do vidro que pusera na prateleira de tábua, olhando para um terreno baldio que lhe oferecia a única paisagem possível de sua janela – algumas silhuetas de carros destróçados e uns prédios de apartamentos residenciais com escassas luzes acesas, nem o mais remoto sinal de alguma *jaqueira majestosa* –, era tomado pela certeza de que a mulher não vira nenhum Heitor, quando ele se aproximara da mesa, mas ele mesmo, em sua inteireza desprezível. Precisava mudar isso urgentemente, fazer com que ela o aceitasse. Urgente também suprimir o intruso que os impedira de, falando, se conhecerem.

---

Desceu do ônibus e se pôs, como vinha fazendo com regularidade, nas imediações do restaurante, onde entrava de vez em quando para olhar para as paredes, sentar-se, fingir interesse por um cardápio, e apenas duas ou três vezes comer. Tinha sido sempre olhá-la, olhá-la de lá de sua mesa ou pelo lado de fora; podia entrar também para conversar alguma vagueza com algum dos sujeitos atrás do balcão e vê-la em seu lugar, e notar que ela o notava, mas com um interesse certamente menor.

Trabalhava por perto – bem que a seguira, várias vezes – num daqueles escritórios de um prédio cujo vestibulo, que tinha espelhos muito grandes, o fizera recuar. Não se vestia com nada aparentemente caro, parecia mesmo uma funcionária de alguma empresa metida a sofisticada, mas talvez fosse bonita demais para ele. Quando o olhara com o vagar que o fizera decidir-se pela abordagem, ele se sentira afagado – eram dedos de unhas muito rosadas que lhe alisavam a bochecha, a boca, o queixo, que lhe roçavam as sobranceiras, porque, claro, ela notara a beleza não completamente ausente do seu rosto, ela a revivia, sim, sim, voltava a ter aquela cara dos dezessete anos, ele não tinha de si uma impressão assim tão errônea, ela fornecia substância a uma imagem que ele precisava ter, seu fio de autolisonja, de salvação. Mas, depois, nada mais, na atitude com que ela vinha diariamente ao restaurante, o autorizara a sentir a sensação fugidia, de que o sedutor ainda exercia algum poder – oh, tinha sido pouco, uma ínfima concessão, um nadinha! Ela tinha outro meio, outras vidas ao redor da sua, interesses que ele mal podia adivinhar naquele bloquinho de notas onde anotava alguma coisa, pensativa, depois de deixar de lado a salada de alface e cenoura onde espetara um garfo.

Num certo horário, definido por aquele relógio absurdo, enfeitado pelo desenho colorido demais de uma ave do paraíso, que estava numa das paredes do restaurante, ela apareceria, e já aparecia, e já ele se movia para se colocar num ponto onde ele a visse, já apalpava o bolso – inútil, mas o gesto era necessário – para constatar que não tinha dinheiro nenhum para esticar a sua permanência no ambiente, que aquilo que apalpava, excitando a sua anatomia em perigo de vexame, dava no máximo para um refrigerante. Depois que ela constatara que ele tinha coragem para se aproximar, um passo fora dado, e, agora, era esperar como agiria. Impossível que o tivesse esquecido, impossível que aparecesse de novo o outro que a conhecia tão bem.

Deu-se conta da presença dele – sim, como não se daria, se ele se colocava sempre nos espaços e direções possíveis para seu olhar? –, mas não se

moveu, nem sorriu. Procurou, ao contrário, parecer totalmente absorvida pelo prato, executando, minuciosa, o ato de enrolar espaguete num garfo, levá-lo à boca, bebericando alguma coisa branca. Depois, uma musiquinha súbita a fez abrir a bolsa, apanhar o celular, entregar-se a uma conversa pontuada por risadinhas. Não havia o que ele pudesse fazer ali, num posto de observação para o qual ela não queria e não iria olhar, e ele teria que fazer o que para voltar a ser visível? Depois da conversa animada ao celular, viu-a sair. Antes, porém, deixou no balcão, onde havia um tipo que ela conhecia bem – pois trocaram impressões com uma familiaridade que ele invejou – alguns folhetos coloridos. Aproximou-se, olhou-os. O sujeito lhe entregou um. Era sua impressão ou havia zombaria naquela cara? O sujeito sorriu e disse, avaliando-o: “Pode ir. É gratuito...”.

Saiu, de novo cabisbaixo, maldizendo os sapatos, para os quais seus olhos não podiam deixar de tender.

---

Além de olhar para a mulher, outra ocupação desses dias – para os quais estava completamente disponível, enquanto esperava que três currículos enviados a empresas modestas fizessem algum efeito – era essa, nenhuma, de vagar pelas ruas do centro. Televisões, olha, olha, eram muitas, sempre aquela mesma imagem, una, inúmera, sorridente, impenitente, a olhar da loja em cuja vitrine ele se detivera.

E então, então, quem são elas, tão parecidas, Celine Dion, Mariah Carey, Britney Spears, não cantam a mesma coisa? tão louras – tantas! – e Jesus, Jesus, Deus, Deus, amor, amor, a loura das receitas, a loura das vantagens da provedora, a loura da promoção de tevê a cabo, e a morena para Cristo, a morena para shampoo de cabelos rebeldes, a morena do novo tempero capaz de deixar as suas refeições irresistíveis, o veado dando conselhos matrimoniais, o veado espírita e moralista, o rapaz impecável como um boneco que irradiasse saúde obscena, a velha imaculada, com o batom meloso na boquinha enrugada, o executivo esperto, o homem da cueca vigorosamente recheada do cartaz, o homem que pode, o homem que penetra, o homem que manda, a ONG dos perfeitos corações sem mácula, a filantropia, a guerra, porrada em preto, porrada em branco, porrada em “mano”, porrada em veado, o lado pink da velhice, os evangélicos bem vestidos, de paletó e gravata – e nunca lhes faltará sapato – à porta de uns prédios, com panfletos, com gritos, buracos nos olhos do mundo, sorvedouros, os escrotos bem vestidos, os ogres famintos de gente, famintos de negociar, matar, foder, curar, amar, famintos de anular, famintos de enfiar incautos num estômago que cada vez conhece menos limites. Aturdido pelo excesso de sinais, embrulhado em enigmas reluzentes e hostis, sentia-se obrigado a fechar os olhos a tantos apelos e seguir.

Quando os abria, era procurar, entre as inumeráveis cabeças, aquela, de cabelos castanhos e olhos esverdeados, que não saía da sua. Cansava-se de olhar, de olhar, olhar, sem obter em troca olhar algum que não fosse o dirigido a todos e ninguém, nada que lhe dissesse respeito, nada que fosse minimamente seu. Derivou para os arredores, era voltar para casa, nada a fazer que não se render a seu quartinho.

Com dinheiro como esse que trazia, umas três cachaças eram possíveis, num bar próximo. Sim. Sim. Péssima, não há pinga que preste nesses lugares, mas ele engole, e aquilo, cáustico, combinando com o fogo que queria abrir contra tudo, de algum modo aniquila, equilibra. E então, filhos da puta? – não se atreve a dizer nada, mas o palavrão lhe roça os lábios, e ele saboreia pelo menos a intenção de xingar, voluptuosa, enquanto é olhado pelos outros, sem que lhe prestem muita atenção, e essas conversas, ai, sempre Palmeiras e Corinthians, sempre o que está na tevê, o que acabou de ser dito pelo idiota do momento, sempre alguém para urinar por perto, “porra, tirar água do joelho, né, irmão?”, pretexto para ver se arranca de você admiração pelo que acha que é muito, muito grande, sempre alguém que é mil vezes maior ou mais forte que você e de quem não adiantará discordar, nem pense nisso, não tem um pingão de humor ou democracia nesses desgraçados. Como são desprovidos de tudo, vão lá se dar ao luxo de alguma complacência; de alguma civilidade? Quando farejam amabilidade, acham, fatalmente, que há ali algo de que tirar proveito, e destroem qualquer possibilidade de uma relação não interesseira.

Por fim, saía, não era prudente continuar ali – porque falaria, a qualquer momento, qualquer coisa fora do tom e não haveria perdão. Sentia-se sempre assim, diferente, odiado pela diferença, capaz de dissimulá-la com alguma habilidade, mas nem sempre – bobeasse, ela emergia, ou eles – os que deveriam ser seus amigos, houvesse lógica, houvesse solidariedade entre estropiados – suspeitavam de sua existência, o que bastava para que só esperassem uma manifestação desta para decretá-lo um inimigo e persegui-lo até que não restasse o mais vago sinal de sua identidade.

Zonzo, parar para mijar, isso, em algum canto, olhando os inúmeros projetos de casas pífiás com tijolos baianos, as televisões ligadas, luzes apontando em janelas escuras, e o trilho para casa, esse, ladeado por todas essas silhuetas perfeitamente obtusas, solidamente indiferentes, de muros, telhas de eternit, antenas.

Chega, e há o portão, onde tropeça. Escorrega e cai, mas não há ninguém no momento em nenhum dos lugares onde os olhares costumam estar, à espera de alguma desgraça alheia que excite. Levanta-se, a bunda lhe dói forte, e vai em frente. Para chegar a seu quartinho, precisa passar pela casa de Ubiratan, sempre odiada, porque o faz pensar na sua, apêndice, pardieiro. Dessa vez, pegando o corredor para os fundos, pára numa janela aberta, atraído por sapatos reluzentes, postos no parapeito. Olha-os, olha para dentro, não vê ninguém. Toca-os, vira-os. São 38, seu número.

---

Ter pena do Ubiratan? Pelo dia todo, houvera um aumento nas expectações, nos gemidos, que, seguidos pelo silêncio, sem música dos velhos discos, chegavam bem até ele – porra, melhor não ouvi-los. Tinha o folheto nas mãos, lia nomes, entendia que podia ir, que, para essas coisas, ficam satisfeitos quando há público – mesmo sujeitos socialmente nulos, para os quais estendem uma atenção magnânima – e iria: ela estava lá, entre os fotografados, e na legenda leu o seu nome, decorou-o, mas não lhe parecia apropriado, não era o de sua imaginação. Agora, com essas luzes de um rosa-alaranjado que

vinham do fim do dia e embelezavam as silhuetas dos carros destroçados, se impacientava – tinha pressa de que o escuro chegasse para poder entrar na casa. Uma porta dos fundos não permanecia trancada, não sempre – o velho andava desatento a muita coisa. A escuridão, ao chegar, fez com que se movesse, só de meias, para onde queria. E pôde entrar, com uma facilidade que renunciava outras.

Ele dormia, sem ter tirado os óculos, roncando feio. Olhou-o, compassivo – não teria nem precisado do cuidado das meias, ele não ouviria nada. Era estranho que, em todos esses três anos de inquilino, nunca tivesse entrado na casa, embora ele o convidasse, vez em quando, “precisamos ser mais sociáveis, Pereira, mais sociáveis...”, e entendia que se esquivara ao convite para não ceder a uma pieguice, por lucidez – era socialmente inferior, nada de ter ilusões, mas também pelo prazer cruel que lhe dava a recusa silenciosa. Não é um prazer enorme contrariar quem precisa de nós de maneira tão evidente?

“Foda-se”, murmurou, olhando para o corpo estendido e arfante na cama. Não duraria mais um mês, pelo jeito. Abriu o guarda-roupa. Gavetas. Os sapatos tinham voltado a uma caixa sobre o que parecia uma velha máquina de costura. Discos por todo lado – e pensou que alguns seriam muito bem comprados por colecionadores dessas velharias. Encontrou roupas que, milagrosamente, nenhuma deixou de lhe servir. Na parede, deteve-se diante de uma antiga fotografia de casamento. Era bela, a falecida. Ele tivera um bigode e tanto. Teve vontade de levar a fotografia para casa. Absurdo.

O ônibus o depositou, cheirando bem, de paletó e gravata pretos, camisa branca, os sapatos impecáveis, na proximidade de um edifício não muito alto, e rápido se misturou a carros que chegavam, a buzinas, a tipos bem vestidos, com mulheres muito sorridentes, mas os seguranças sempre rondando e nada, afinal, quebrando a rotina de uma rua muito movimentada, não tão longe do centro.

Lá dentro, um salão muito amplo, debaixo de uma luz rosada, os quadros todos na parede – lembrou-se de alguns, dos que vira no folheto, e era preciso enfrentar que o olhassem, que o avaliassem, que o julgassem, porque nem havia muita gente, notava-se cada um que entrava, e, no começo, antes que se servisse o vinho e torradas pequenas cobertas de patê esverdeado, um sujeito calvo, de terno cinza-escuro e gravata amarela, falou da importância do momento. Outros tantos tipos, altos, muita conversa, a música que, quase inaudível, era, alguma coisa dos confins do Tibete, “we could raise funds”, “sim, é oportuno”, “ele pinta muitíssimo bem, mas...”.

Não demorou a avistá-la, e não sozinha, mas tendo ao lado, e isso sem trêgua, o seu conhecido. Reparou que era alto, bem mais alto que ele, que se vestia com a elegância irrepreensível de um desses sujeitos ideais de propagandas de cigarro. Aprumou-se um pouco – não fora possível disfarçar bem os pneus que a camisa branca – de que não conseguira abafar por completo o cheiro de naftalina – cobria. Ela usava uma roupa destinada a chamar a atenção – uma capa verde-clara, um vestido carmim, muito justo e decotado, num glamour muito calculado, mas que não destoava para seu tipo, com os cabelos castanhos em ondas à Lana Turner. Pôs-se ao lado de um quadro, sorriu para os fotógrafos, e ele notou que era ela, com aquele vestido carmim, a retratada. Não o tinha visto entre os óleos no folheto, e aquilo – desde sempre o intrometido – era o pintor, cercavam-no, perguntavam-lhe coisas. Era excessivo, ele se

incomodava. Tocá-la. Poder tocá-la, num momento em que o homem não estivesse por perto, mas, quando? – xifópagos, moviam-se de fotógrafo a fotógrafo, de sorriso a sorriso, elogio a elogio.

– Que merda, isto aqui... – uma voz já bêbada a seu lado.

– Ê...? é mesmo? Por quê?

– Vinho ruim, torrada velha.

– E a pintura?

– Essas veadagens? Perda de tempo. Qualquer praça por aí tem melhores.

Pensara em dizer alguma coisa ao homem, mas ele já desaparecia, já ia em busca de algum garçom com bandeja de uma nova rodada de torrada com patê. Ficou diante de um outro homem, gordo, sorridente, que lhe explicou coisas em Inglês, e, dentro em pouco, estava diante das costas de outro gordo que, com sua calva rosada, impedia que visse o óleo da retratada. Quando o obstáculo se moveu, adiantou-se, e ficou pequeno diante da enorme mulher de vestido carmim, com uma espécie de faisão no ombro e uma sucessão de violentas pinceladas azuis, violetas, verde-escuro, em círculos concêntricos, que iam se espiralando até uma poça, um sumidouro, de carmim profundo, em seu ventre. Parou. Olhava para o rosto – sim, era muito fiel, era ela acima de qualquer dúvida, e lançou olhares do rosto pintado para o rosto real, sorridente, que podia ser visto, desfrutável, onipresente, em várias rodinhas que iam se fazendo e dissolvendo, para ouvi-la, cumprimentá-la, cumprimentar o autor. O mesmo rosto. Sem sorrisos, no quadro. Preferia-a, decididamente, ali, imóvel, pintada. Circulando, viva, entre gente viva, e inacessível, isso de ela sorrir era puro escárnio.

Conformar-se em fazer fila, em apresentar-se pela ordem com que ela atendia quem se aproximava, assinando autógrafo numa espécie de catálogo. Diria Heitor, e o sobrenome, usaria um italiano de uma placa com nome de arquitetos numa construção que vira ao lado do prédio, na chegada. Mas ela o reconheceu, e lançou um olhar para seu acompanhante. Viu-a assinar com as mãos muito brancas, reparou nas unhas também pintadas de carmim. Queria poder falar. O olhar do autor não o deixava. Ainda assim, tocou de leve, como que casualmente, aquela mão que lhe assinara, profissional, o folheto. Ela, sem tempo de recuar a seus dedos, suspirou, resignada, olhou de novo para o sentinela e continuou com o sorriso. Ele se afastou, cheirando o catálogo, onde esperava que algo da delícia carmim houvesse ficado.

Um dos prazeres desses lugares muito finos, onde por conveniência péssimos são admitidos de graça, é o de poder usar banheiros que nunca mais se verá iguais, tirar fitas indefinidamente compridas de papel higiênico, sujar, não dar descarga. Esse, beleza em algo que talvez fosse mármore, grandes espelhos cercados de preto voluptuoso, detalhes em verde-claro e num bege decididamente cremoso, uma luz que tornava lívidos os usuários, rápidos, todos aqueles ternos, aqueles sorrisos, “it’s for sure Hagwood is weird tonight”, as lavandas, os desodorantes, o farfalhar das calças, os paus sacudidos, e, bom, bom, tão bom se enfiar ali, trancar uma das portas, encostar-se naquele negro da parede gelada, urinar por muito tempo num vaso que, tão imaculado e perfumado, faz o bem de uma profanação – o líquido escroto, plebeu, glorioso, másculo, num recipiente violado. Encostou-se, não queria sair, fazia por não ouvir as batidas.

Quando tomou a decisão de, enfiando de novo a camisa branca nas calças, abrir a porta, deparou-se com ele, o homem alto, e ninguém mais no ba-

nheiro. Ele o olhava, ele punha a mão em seu ombro, agarrava-o, e de perto, bem de perto, ele sentiu-lhe o nervosismo, a ânsia, a fúria completa que não, não o faria perder a cabeça. Tentou repeli-lo, mas o homem agora tinha nas mãos o seu pescoço, apertava-o silenciosamente, sem o menor desejo de brincar e sem precisar se esforçar muito para provar a sua intenção e sua superioridade física, e o empurrava para o mictório. Pequeno, o espaço, para os dois, e ele recuou até o limite que pôde, tentando livrar-se daquelas mãos, que não o sufocavam, apenas ilustravam o que podia ser feito. Não havia uma parede indefinida a que recuar e, estatelado, ficou esperando o que ele faria. Cobriu a braguilha, temendo o pior – uma joelhada, não, pelo amor de Deus. O homem chegou-se a seus ouvidos, e, com a voz, de que ele chegou a sentir pingos de saliva, disse o que ele precisava ouvir, que desaparecesse. Concordou, concordou, desesperado. Ele sorriu, soltou-lhe o pescoço e, determinado, antes de sair, pisou-lhe vigorosamente, demoradamente, os sapatos.

---

A rua, que lhe parece enorme, interminável, e por que tanta gente neste mundo? por que é impossível eliminá-la, a um golpe de desejo, como uma borracha que anulasse em absoluto um desenho indesejável? Anda, anda, e a nafalina da camisa, misturada ao cheiro do desodorante único que dispunha, produz um cheiro entorpecedor, que o irrita muito a cada vez que baixa mais a cabeça.

O boteco, onde é preciso parar por uns momentos, e onde olham com estranhamento o paletó que ele tirou, a gravata que lhe pende, torta, e, em pouco, mais passos no breu, para o trilho que leva ao portão. Ubiratan por certo dorme, ele entra em seu cômodo, cuidando para não cair, gira uma lâmpada de 60 watts num soquete baixo. Tira o catálogo do bolso do paletó, uma nota de um real amassada, e joga-os sobre a cama. Escovar os dentes na pia de onde as sujeiras cor de ferrugem e de mofo jamais sairão. Deitar-se.

Atento ao que há lá fora, algum estampido, vidros que tilintam, algum grito, algum carro que pára. Há um vizinho que não se importa de ligar o rádio bem alto, mesmo madrugada. Há o vento, que lhe dá uma espécie de alívio que não consegue decifrar – como se o remetesse a uma outra paisagem, não àquela por onde passa concretamente – a de telhas quebradas, carros abandonados, quartos onde mulheres são possuídas sem gozar e crianças choram. Esse vento o remete, uivando, a algum mundo melhor, porque melancólico, devidamente destruído, sim, um vento imemorial, amigo de ruínas. Vem soprando desde o fundo de lugares mais verdes e passa por certos telhados metropolitanos para cantar a sua música de elegia para os insones. Pedras que jogam, um “filho da puta” aqui e ali, o rádio, o que talvez seja uma coruja.

Dentro em pouco, erguendo a cabeça para mais acima do travesseiro, aproximando os ouvidos à parede, ouvirá, nítidos, a tosse, os escarros, os gemidos de Ubiratan.

A um desses gemidos, distinto, inconfundível, que o velho um dia dará, ele poderá suspirar, tranqüilo. A noite ficará mais silenciosa e ele não terá medo de voltar a usar a roupa e os sapatos de Heitor.